
Solidariedade e oficialismo na cobertura do *Black Lives Matter*: análise das publicações no Facebook do El País Brasil, O Estado de S. Paulo e G1

Laura MARIA¹

Roberto BELMONTE²

Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar as características das publicações com mais reações feitas pelos veículos jornalísticos de referência G1, El País Brasil e O Estado de S. Paulo no Facebook relacionadas ao movimento *Black Lives Matter* após a morte de George Floyd. Para isso, foi analisado o conteúdo das dez publicações com mais reações de cada veículo, postadas entre 25 de maio de 2020 e 31 de dezembro de 2020. A partir destas postagens, buscou-se mapear as fontes mobilizadas e os dois temas predominantes nas notícias e reportagens: solidariedade e conflito. Após reunir e observar os dados coletados, conclui-se que há predominância do tema solidariedade entre os conteúdos analisados, e que também prevalecem as fontes oficiais, trazendo uma reflexão sobre a necessidade de entender o jornalismo como um ambiente de fala plural.

Palavras-chave: Black Lives Matter; G1; El País Brasil; O Estado de S. Paulo; Facebook.

Introdução

No dia 25 de maio de 2020, o homem negro George Floyd, de 46 anos, foi morto em um ato de violência policial na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos. Floyd foi assassinado após o oficial Derek Chauvin pressionar seu pescoço por vários minutos, causando asfixia. O episódio motivou manifestações do movimento *Black Lives Matter* em diversos países, onde grupos se reuniram para protestar contra a morte sistêmica de pessoas negras. Tamanha movimentação ganhou atenção dos veículos jornalísticos no Brasil. O caso de Floyd não foi o primeiro e nem o último.

Diante do grande destaque dado ao caso, o objetivo deste artigo é identificar as características da cobertura jornalística sobre o *Black Lives Matter* em textos compartilhados no Facebook por três veículos jornalísticos de referência: El País Brasil,

¹ Graduanda do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Ritter dos Reis, e-mail: lauradasilva260@gmail.com.

² Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS) e professor de Jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter, e-mail: rvillar21@gmail.com

O Estado de S. Paulo e G1. Para tanto, foram analisados o tema e as fontes mobilizadas nos textos das 30 publicações – notícias e reportagens - com mais reações nas páginas no Facebook de cada um dos três serviços jornalísticos de referência no país, entre os dias 25 de maio de 2020 e 31 de dezembro de 2020.

Este artigo apresenta parte dos resultados encontrados em pesquisa realizada em Trabalho de Conclusão de Curso defendido em junho de 2021 no Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) de Porto Alegre (RS). A pesquisa parte do pressuposto que o jornalista também exerce a função de mobilizador de audiência nas redes sociais e que o jornalismo pode e deve ser compreendido como um ambiente de fala plural.

Vidas negras importam?

Apesar do destaque dado pela morte de George Floyd, os protestos contra violência policial são antigos. O próprio *Black Lives Matter* (vidas negras importam, em tradução livre) iniciou bem antes, em 2013, em resposta a absolvição do segurança George Zimmerman, que assassinou o jovem negro Trayvon Martin. (BLACK LIVES MATTER, 2020). O movimento foi inicialmente criado por Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi, três mulheres afro-americanas, e ganhou ainda mais força em 2014, com o assassinato de Mike Brown pelo policial Darren Wilson, na cidade de Ferguson. Ao longo dos anos foram inúmeros casos semelhantes, como Eric Garner, também morto por asfixia, ainda em 2014. O caso de Ferguson, em especial, teve tamanha repercussão que fez com que ativistas conhecidos, como Angela Davis, se pronunciassem. Quando questionada se o acontecimento na cidade é um fato isolado, Davis (2018) afirma que o fato é apenas a ponta de um iceberg e que muitos outros acontecem rotineiramente.

A morte de George Floyd reuniu, tal como no episódio de Ferguson, manifestações de figuras importantes na luta antirracista. Também foi pauta de diferentes veículos jornalísticos, abrindo espaço para a reflexão sobre a relação do jornalismo com as questões raciais. Segundo Santos e Campos (2020), sua morte impulsionou a temática racial na agenda pública. Os autores, ao analisarem os jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, constataram que a produção de conteúdo teve aumento após o acontecimento nos EUA, “dando espaço a personagens e intelectuais negros como a filósofa feminista Djamila Ribeiro, o advogado e filósofo Silvio Almeida, entre outros, que integram ou apoiam movimentos negros” (SANTOS; CAMPOS, 2020, p. 8). Ainda

segundo os mesmos autores, foi necessário um acontecimento de tamanha gravidade e em outro país para que os jornais trouxessem o assunto racismo para a pauta.

Foi necessário que um celular transmitisse ao vivo a morte de um homem de pele preta - fato corriqueiro para as instituições de segurança pública - para que a mídia (nesse caso, impressa) assumisse seu papel na discussão dessa questão histórica que é o racismo estrutural. (SANTOS; CAMPOS, 2020, p. 14)

Além disso, outras questões cercam a relação do jornalismo com coberturas sobre atos por justiça racial ou episódios racistas. O erro no tom e na linguagem, por exemplo, podem acabar influenciando negativamente o papel social dos jornalistas. Um exemplo disso foi a cobertura da *GloboNews*, por meio do programa *Em Pauta*.

No dia 2 de junho, o programa *Em Pauta*, na *GloboNews*, reuniu 7 jornalistas para debater temas diversos, entre eles racismo. Todos eram brancos, o que chamou atenção de internautas nas redes sociais. No outro dia, por conta das críticas, e não por uma reflexão editorial própria, o programa montou uma “bancada” totalmente negra. (MORAES, 2020, p.68)

Justamente criticando a mudança, que segundo a autora foi sem reflexão e sim por pressão do público, ela fala também sobre a ausência de pessoas negras ocupando lugares de fala em temáticas diversas.

(...) vemos nos dias atuais, quando, por exemplo, jornais e portais dedicam espaço para temas sobre racismo em meses como maio e novembro, chamando jornalistas negros para o debate. É o caso do televisivo *Roda Viva* (TV Cultura), que raramente traz negros em suas bancadas de entrevistadoras e entrevistadores, quase sempre pessoas brancas e do Sudeste do país. Estes sim estão mais capacitados, parece sugerir o programa, a discutir temas mais “universais”. Os negros são chamados, ora veja só, para discutir raça. (MORAES, 2020, p.66)

Ainda segundo a mesma autora, muitas vezes a imprensa adota o papel de relatora, como se apenas estivesse contando sobre o mundo externo, quando na verdade é uma possível agente social: seja auxiliando na manutenção da situação atual ou promovendo mudanças. A partir disso é possível perceber que, além da missão de informar, o jornalismo tem uma função social muito importante. Especialmente ao falar sobre racismo, é preciso refletir como a cobertura jornalística é feita.

Jornalismo como ambiente de fala

A atual fase do jornalismo digital diz respeito, segundo Bell e Owen (2017), a relação com as plataformas e com o uso de outros recursos, como aparelhos celulares. Nesse ambiente digital, o jornalista assume uma nova função: o de mobilizador de audiência. Aguiar e Barsotti (2012) afirmam que os profissionais agora possuem a missão de mobilizar os leitores atraindo sua atenção para aquilo que está sendo noticiando. Ou seja, os jornalistas devem estimular o interesse do público por aquilo que é publicado. No Facebook, esse trabalho tem um desafio a mais: o algoritmo utilizado pela empresa para determinar quem vê e quem não vê determinada publicação. Assim o Facebook acaba promovendo bolhas sociais. Segundo Bell e Owen (2017, p.76) “a plataforma reforça os filtros de uma bolha e torna quase impossível que alguém saiba por que ou como está recebendo certas notícias ou informações”.

A manutenção de bolhas formadas pelos algoritmos da plataforma abre espaço para uma reflexão a respeito da importância do uso de fontes e da diversidade no jornalismo. A partir do entendimento de lugar de fala de Ribeiro (2019) é possível pensar na noção de ambiente de fala. A autora define lugar de fala como o local de onde cada indivíduo se pronuncia, a partir de quais privilégios, conhecimentos e vivências. Ou seja, todos possuem um lugar de fala e para entender qual é ele é importante considerar tudo aquilo que interfere na identidade de cada pessoa. A partir dessa noção é possível também refletir sobre os ambientes de fala, ou seja, sobre os espaços de diálogo criados, locais onde pessoas de diferentes lugares de fala podem e devem participar. O jornalismo pode e deve ser entendido como um ambiente de fala onde é indispensável a pluralidade de vozes, de diferentes perspectivas, acerca dos fatos, acontecimentos e seus significados.

No jornalismo, essa pluralidade no ambiente de fala é proporcionada pela diversidade de fontes. Esta pesquisa leva em consideração uma parte da matriz de fontes proposta por Schmitz (2010). “Este sistema de classificação explicita as nuances e características de cada tipo” (SCHMITZ, 2010, p. 51), contribuindo para introdução à teoria das fontes de notícias. Em relação ao grupo, o autor propõe sete tipos: oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada e referência. Como oficial ele classifica a fonte em cargo público, que possui alguma relação e se manifesta a partir de algum órgão do Estado. Fonte empresarial é aquela que “representa uma corporação da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio.” (SCHMITZ, 2010, p. 53) Já a fonte institucional é aquela que representa um determinado grupo social ou organização sem fins lucrativos. Individual é a fonte que não apresenta vínculos com

instituições ou organizações, e fala apenas em seu próprio nome. Já a testemunhal é aquela que presenciou o fato noticiado e serve como “álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora” (SCHMITZ, 2010, p. 55). Já a fonte especializada é a consultada pelo conhecimento que possui. O último tipo, intitulado referência, trata-se de bibliografias e documentos consultados para construção da notícia ou reportagem. Além disso, o autor também considera fonte de referência a mídia, como “jornais, revistas, audiovisuais e (...) redes sociais (...), portais, sites, blogs” (SCHMITZ, 2010, p. 26).

Metodologia

O objetivo da pesquisa é identificar as características das notícias e reportagens com mais reações no Facebook sobre o *Black Lives Matter* após a morte de George Floyd publicadas por três veículos jornalísticos de referência no país, sendo eles G1, El País Brasil e O Estado de S. Paulo. A metodologia utilizada na pesquisa foi a Análise de Conteúdo (HERSCOVITZ, 2010). O primeiro movimento foi a identificação de 131 publicações realizadas pelos três veículos jornalísticos – G1, O Estado de S. Paulo e El País Brasil - no período entre 25 de maio de 2020, quando George Floyd foi morto, e 31 de dezembro de 2020. Em uma planilha³, foram reunidas todas as notícias e reportagens publicadas no período e em diferentes colunas foram inseridas as seguintes informações: data de postagem, manchete e link direcionando para conteúdo no Facebook. Também foram registrados os números totais de compartilhamentos, comentários e reações de cada postagem. Nesta última categoria foram incluídos os números de cada reação específicas também, sendo elas nomeadas como Like, Amei, Força, Haha, Uau, Triste e Grr.

Após todas as informações estarem reunidas na planilha optou-se por classificá-las de acordo com o número total de reações, do maior para o menor. Seguindo a classificação foram selecionadas as dez publicações com mais reações de cada veículo e essas foram separadas em uma segunda planilha⁴. Foram incluídas as linhas de apoio utilizadas e um print de cada postagem, com o objetivo de visualizar as fotos de cada uma. Em uma terceira planilha⁵, foram acrescentados o assunto de cada postagem, a imagem

³ A primeira planilha está disponível para consulta nesse link:

<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1BzGYbGXwXpn8Lxgn2aQxmHcPf2mb8lZoXPcCfiIsXaU/edit#gid=0>

⁴ A segunda planilha está disponível para consulta nesse link:

https://docs.google.com/spreadsheets/d/1T_7CjXhACyURnv1pppIABkQluxhcJFDINIBamajJGbY/edit#gid=0

⁵ A terceira planilha está disponível para consulta nesse link: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/18-4VyZZ2tsRmUnDAywXYuLTZ3TJiyX90SFrZA2ISFOA/edit#gid=0>

de cada foto e o país relacionado ao fato retratado pela notícia ou reportagem. Para caracterizar os assuntos foram criadas três subcategorias: cobertura do fato/protestos, repercussão do fato ou assunto relacionado. Quanto às fotos, foram criadas as subcategorias: foto do fato, foto de manifestações (pacífica), foto de manifestações (agressiva), foto de policiais, foto de pessoas públicas não associadas ao fato nos EUA e foto sem associação ao fato nos EUA.

Indo além do conteúdo disponível na visualização do Facebook, os textos das notícias e reportagens também foram analisados. Optou-se por realizar um mapeamento de fontes, verificando entrevistas e documentos citados. Também foi analisado o tema principal das notícias e reportagens veiculadas. Para identificá-los foram observados os termos e frases utilizados na construção dos conteúdos. Após a análise, percebeu-se que as temáticas eram divididas em dois grandes grupos: Solidariedade e Conflito. Abaixo, seguindo o esquema de mapa mental, estão palavras recortadas do corpus da pesquisa referentes a cada grupo temático mencionado acima. Dessa forma, é possível entender quais os termos que auxiliaram na classificação dos dois grandes temas identificados.

Figura 1: Mapas mentais utilizados para guiar a classificação das notícias e reportagens



Fonte: Dados da pesquisa.

As unidades de registro analisadas foram recortadas das dez notícias e reportagens mais compartilhadas de cada um dos três veículos⁶, somando 30 textos. Para identificar esses trechos recortados, as unidades de registro, foi criada uma codificação. Ela é guiada pela seguinte lógica: sigla do veículo (ELB para abreviar El País Brasil, EST para O Estado de S. Paulo e G1); data de veiculação; a letra N para identificar notícia ou a letra R para identificar reportagem; e o número de 1 a 10 referente às publicações com mais interações no Facebook de cada um dos três veículos estudados. Para exemplificar o

⁶ O arquivo em pdf com a íntegra das notícias e reportagens está disponível nesse link: <https://drive.google.com/file/d/1sZscHXnovF8WDkXPRmSfQuEneY0I1IXK/view>

corpus de pesquisa, são apresentadas a seguir a publicação com mais reação de cada um dos veículos jornalísticos.

A postagem do corpus com maior número de reações é do G1. Essa publicação (Figura 2) ultrapassou 40 mil reações no total. A primeira reação com maior número é o like, situação que se repete em boa parte das publicações analisadas. A segunda reação mais presente é o amei, o que pode ser entendido como a identificação do público com o que é visto ou mesmo apoio.

Figura 2: Print da publicação com mais reações no corpus de pesquisa.



Fonte: Página no Facebook do G1 (2020)

A publicação retrata um acontecimento no Brasil, na Avenida Paulista em São Paulo (SP). Essa proximidade com o leitor brasileiro ajuda a entender porque ela é a publicação com mais reações. A segunda publicação com mais reações é do Estadão (Figura 3), e também segue o que foi visto na postagem mencionada acima: a primeira reação com maior número é o like, seguido pelo amei. O total de reações, ainda que alto, é um pouco menor do que o verificado no G1.

Figura 3: Print da segunda publicação com mais reações entre todas analisadas.



Fonte: Página do Facebook do Estadão (2020)

Chama atenção que, dentre todas as postagens do Estadão relacionadas ao *Black Lives Matter* ou a George Floyd, a com mais reações possui como foto a imagem de uma mulher branca, loira e de olhos claros. O fato originário das mobilizações é a morte de um homem negro, bem como o movimento que provocou os protestos e inclusive a pessoa, neste caso a filha de Floyd, a qual é destinada a doação que dá a manchete trazida na publicação.

Apesar das duas publicações mais curtidas no ranking geral serem do G1 e Estadão, o terceiro lugar não pertence ao El País Brasil. É um ponto interessante e que precisa ser mencionado, uma vez que nenhuma das publicações do veículo possui o número tão elevado de reações totais quanto os anteriores. A postagem com o maior número de reações do El País Brasil fica em 7º lugar quando os três veículos são analisados de forma conjunta. A publicação (Figura 4) possui pouco mais de 11 mil reações, as principais sendo like e amei, como também foi visto no G1 e Estadão.

Também chama atenção que a postagem em questão traz uma imagem forte e impactante, contendo fogo e um manifestante protestando em meio as chamas. Pensando que a publicação leva uma notícia categorizada no tema conflito (a única entre todas as analisadas do El País Brasil) faz bastante sentido a escolha da foto.

Figura 4: Print da publicação com mais reações do veículo El País Brasil.



Fonte: Página no Facebook do El País Brasil (2020)

Outra característica importante, referente às reações, é a popularidade, por assim dizer, de cada veículo. Fazendo um cálculo médio de reações por publicação, é possível perceber que o G1 tem uma média de reações maior que os demais, com 14.021 reações por postagem. Na sequência vem o Estadão, com 6.662 e por último o El País Brasil com 3.576 reações em média por publicação. Apesar da discrepância nas reações, a situação é diferente nos compartilhamentos, como já mencionado antes. Em média, o G1 tem 1.245 compartilhamentos, enquanto o Estadão avança com 1.693 e o El País Brasil, ainda que em último lugar, chega bem próximo dos outros dois, com uma média de 1.036 compartilhamentos.

Tema

Após análise do conteúdo das manchetes, das linhas de apoio e dos termos utilizados nos textos das 30 notícias e reportagens do corpus de pesquisa, duas categorias foram criadas para representar os temas predominantes encontrados: Solidariedade e Conflito. O primeiro deles, o mais saliente, refere-se a ações de caridade e manifestações de apoio, bem como textos que contextualizaram historicamente as questões relacionadas

ao fato, como o racismo, a violência policial e a história da população negra. No quadro a seguir está o levantamento quantitativo das ocorrências.

Quadro 1: Temas por veículo

	El País Brasil	Estadão	G1
Solidariedade	9	6	7
Conflito	1	4	3

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com os números, é possível perceber que, do total de 30 notícias e reportagens analisadas, a maioria (22) trata de temas relacionados à solidariedade e apoio. Seguindo o tópico de forma geral e falando sobre as características consideradas na hora da classificação das notícias e reportagens integradas nesta categoria, é possível perceber alguns pontos em comum. Uma das questões consideradas foi o fato noticiado, como nas unidades de registros abaixo, que tratam de uma notícia sobre uma ação de caridade à família de George Floyd, ou seja, uma forma de solidariedade ao acontecido.

[Manchete] Kanye West **doa** US\$ 2 milhões a família de vítimas negras e paga estudos da filha de George Floyd

[Linha de apoio] Segundo a CNN, **doações** serão feitas às famílias de Floyd, Breonna Taylor e Ahmaud Arbery, três negros mortos nos EUA neste ano. (G1_04JUN2020_N_4)

Em ambos os trechos, conforme grifado, é possível perceber a ideia de solidariedade inicialmente trazida. Dessa forma, nota-se que, nesses casos, a ideia de apoio é mais evidente, por esse motivo notícias que tenham caráter como esse ou semelhante foram classificadas na categoria Solidariedade. Outras notícias e reportagens que também entraram nessa categoria tratam de assuntos como ações ou manifestações de apoio por parte de figuras públicas, atletas, políticos e outros. Indo além dos fatos noticiados, foram categorizadas nesse tema os textos com uma tentativa de contextualizar questões raciais, como é possível notar na unidade de registro abaixo.

As centenas de pessoas que foram às ruas **clamando justiça** após a morte de Floyd na segunda-feira se multiplicaram com o passar dos dias. Na quinta-feira ocorreram protestos em uma dezena de cidades, entre elas Los Angeles, Memphis e Nova York. Nesta última houve um confronto com a polícia, que acabou com a detenção de 40 manifestantes. **Os protestos foram organizados por movimentos de defesa dos direitos dos negros, como Black Lives Matter, que denunciam o racismo policial.** (ELB_29MAIO2020_N_2)

A primeira expressão destacada indica que os manifestantes estão buscando justiça por mais um ato racista, visto o histórico de episódios semelhantes. Apesar de citar as prisões, o texto explicita que os protestos estão lutando por um ideal, o mesmo do movimento *Black Lives Matter*, como destaca a segunda parte grifada.

Já na categoria Conflito foram consideradas as notícias e reportagens que noticiavam episódios de violência, especialmente nos protestos. Assim como no tema anterior, neste foram inseridas também as notícias e reportagens em que houve a ocorrência de termos que remetem ao campo semântico do conflito para falar dos acontecimentos, relacionando-os majoritariamente ao lado negativo que, inegavelmente, também esteve presente nas manifestações. Além disso, nessa classificação também entraram as notícias carentes de contextualização. Optou-se por essa escolha por entender que noticiar única e exclusivamente sem contextualizar é uma forma de manter a visão de que protestos, reivindicações e outras ações do gênero são atos isolados sem um histórico causador. É possível ver um exemplo que ajuda a entender o critério descrito acima. O trecho foi retirado de uma das reportagens veiculadas pelo G1, que teve como manchete “4ª noite de protestos nos EUA por morte de George Floyd deixa mortos e centenas de detidos”, conforme mostra a unidade de registro a seguir.

De acordo com as autoridades, 7,5 mil pessoas participaram das manifestações em Oakland; **houve prisões**, mas o número de detidos não foi informado. Houve relatos de **vandalismo, roubos, incêndios e ataques a policiais**, diz a CNN. (G1_30MAIO2020_R_3)

Como visto acima, nos trechos grifados retirados de uma das reportagens do G1, o foco é dado aos episódios de violência, conflito ou vandalismo. Apesar de ser imprescindível noticiar tais fatos, a forma como é feito traz questionamentos sobre o valor das manifestações, que iniciaram por um acontecimento trágico, clamando por justiça. Dessa forma, ao invés de ponderar sobre os motivos, contextos e outros pontos importantes, apenas são expostos os casos incorretos e que não representam o todo, somente fazem parte dele. A partir das análises, pode-se afirmar que nas 30 notícias e reportagens analisadas predomina o tema Solidariedade.

Fontes

A partir da matriz proposta por Schmitz (2010), e entendendo as particularidades do material analisado, propôs-se uma alternativa para classificação das fontes. Foram

estabelecidos oito tipos de fonte, sendo eles: oficial associada, oficial dissociada, independente, especialista, testemunhal, figura pública, documental primária e documental secundária. Para entender melhor qual foi o uso de fontes em cada veículo, foi elaborado o quadro abaixo, onde foram classificadas as fontes de cada tipo descrito acima encontradas nos materiais analisados.

Quadro 2: Tipos de fonte de informação por veículo.

	El País Brasil	Estadão	G1
Oficial relacionada	22	6	16
Oficial não relacionada	0	2	2
Independente	11	5	5
Especialista	4	0	1
Testemunhal	0	2	0
Figura pública	0	0	4
Documental primária	0	1	0
Documental secundária	25	10	20

Fonte: Dados da pesquisa.

No primeiro tipo, oficial relacionada, foram incluídas as fontes de órgãos e entidades oficiais, como membros da polícia, prefeitos e governadores de locais onde os protestos foram realizados e o presidente dos EUA na época, Donald Trump. Já na categoria oficial não relacionada entraram as fontes que falam em nome ou como representantes de organizações oficiais, porém não tem relação direta com o acontecimento de Minnesota ou seus derivados. As fontes independentes, por sua vez, foram consideradas aquelas que não representam instituições oficiais, mas de alguma forma representam o outro lado do ocorrido, ou seja, aqueles que saíram em defesa de Floyd. Dessa forma, nessa categoria entraram manifestantes, direta ou indiretamente ligados, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Como especialista foram consideradas as fontes com conhecimento técnico, como pesquisadores, sociólogos, advogados. Já na categoria testemunhal estão aqueles que presenciaram os fatos noticiados, sejam eles protestos ou o próprio assassinato de Floyd. Na classificação fonte figura pública foram incluídos artistas, atletas e outras pessoas famosas. A categoria também serviu para englobar ex políticos. Já a fonte documental primária, nessa análise, foi entendida como aquela que foi desenvolvida diretamente pelo veículo de comunicação, como estudos e análises. Fontes documentais secundárias foram considerados os documentos que, apesar de utilizados nas matérias ou reportagens, não foram de autoria própria do veículo.

Ao considerar as pessoas que falam, predominam as fontes oficiais. Enquanto isso, o número de fontes independentes, incluídos nessa categoria os manifestantes, é mínimo. O fato chama atenção já que grande parte das notícias e reportagens trata sobre fatos que envolvem os manifestantes e seus atos de protesto. Além disso, percebe-se que entre os veículos jornalísticos analisados, o El País Brasil é o que faz maior uso de fontes, totalizando 62 fontes mencionadas ao longo das notícias ou reportagens. Também é o veículo com mais conteúdos no tema Solidariedade, tendo 90% de suas notícias e reportagens incluídas nessa temática. Uma das possíveis explicações é o próprio formato de jornalismo adotado pelo veículo. Apesar de não acumular números tão altos de reações em comparação aos outros dois, o El País Brasil conta com números expressivos de compartilhamentos, o que pode mostrar que, mesmo com reações inferiores, o conteúdo possui qualidade ao ponto de ser compartilhado pelo público, o que é tão ou mais importante para a visibilidade. No Estadão, o uso de fontes cai em relação ao anterior, tendo sido utilizadas 26 fontes apenas. O veículo possui 60% das notícias ou reportagens publicadas categorizadas no tema Solidariedade, o que também mostra a mudança de postura se comparado ao El País Brasil. No G1, as fontes utilizadas nas notícias e reportagens totalizam 48. No tema Solidariedade, o veículo possui 70% dos conteúdos produzidos incluídos na temática.

Apenas cinco notícias ou reportagens trazem manifestantes como fontes, totalizando seis manifestantes mencionados ao longo dos textos. O El País Brasil faz uso de dois manifestantes como fonte em uma única notícia, enquanto o Estadão e o G1 utilizam falas de dois manifestantes em duas notícias distintas, cada um. Em contrapartida, as fontes oficiais são as mais frequentes e em maior número nos três veículos de comunicação. Isso mostra, entre outras coisas, o oficialismo que ainda existe na prática jornalística. Esse fato pode ser relacionado com a crença de que a fonte oficial é mais confiável ou fidedigna (SCHMITZ, 2010). Além disso, esse oficialismo chama atenção para outro ponto tão ou mais importante: a ausência de fontes falando de outros lugares de fala. Como visto por meio do uso escasso de fontes independentes (e de manifestantes, consequentemente), muitas vezes são produzidos conteúdos que mencionam diversas figuras, mas nem sempre estas falam.

Mesmo sendo protagonistas de vários dos acontecimentos noticiados, os manifestantes e representantes do movimento negro não tem voz. Então, mesmo abordando de forma solidária, as pessoas negras envolvidas direta ou indiretamente no

episódio de Floyd, ainda sofrem com o silenciamento. Silenciamento este que tem impactos trágicos, como no próprio caso de Floyd que falou inúmeras vezes estar sem ar e não foi ouvido, tendo sua voz calada para sempre. Chama atenção ainda que apenas um dos conteúdos que utilizou manifestante como fonte foi classificado no tema Conflito, sendo ele do G1. Os demais estão incluídos na temática Solidariedade, o que ajuda a compreender como esse tipo de figura é utilizada para trazer a ideia de proximidade e apoio ao episódio ocorrido ou às manifestações, mesmo que não apareça tão frequentemente como deveria.

Considerações finais

A amostra aqui analisada sugere como principal característica identificada um jornalismo mais próximo da solidariedade do que do conflito, que busca contextualizar o problema racial, mas que ainda promove o oficialismo de fontes. A presença mínima de manifestantes como fontes abre um espaço importante para discussão sobre como, mesmo tendo suas causas retratadas de forma solidária em grande parte das vezes, as pessoas negras ainda não têm seu lugar de fala respeitado.

A partir da análise percebe-se que os veículos de comunicação poderiam ampliar o debate trazendo pessoas que de fato enfrentam situações como a de George Floyd para que seja possível enriquecer esse ambiente de fala que é o jornalismo, que muitas vezes ainda se mostra unilateral. As vozes negras devem ser reconhecidas como protagonistas da própria causa, fornecendo mais espaço e diversificando as fontes, deixando um pouco de lado o oficialismo constatado. O jornalismo pode e deve ter um papel mais ativo na luta por um Brasil mais justo e solidário.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de; BARSOTTI, Adriana. Mobilizar a audiência: uma experiência contemporânea no jornalismo on-line. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, p. 5-19, dez. 2012. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=441&sid=37>. Acesso em: 22 mar. 2021.

BELL, Emily J. et al. A Imprensa Nas Plataformas: Como O Vale Silício Reestruturou Jornalismo. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 20, p. 48-83, jul-dez. 2017. Disponível em: <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8D79PWH>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BLACK LIVES MATTER. **About**. Black Lives Matter Global Network Foundation, Inc., 2020. Disponível em: <https://blacklivesmatter.com/about/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, p.123-142

MORAES, Fabiana. A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro. In: MAIA, Marta; PASSOS, Mateus Yuri (orgs). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020. Disponível em: <https://www.editoracatarse.com.br/narrativas-midiaticas-contemporanea-epistemologias-dissidentes/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

RIBEIRO, Djamila (coord.). **Lugar de fala**. Série Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTOS, Rita de Cássia Donato dos; CAMPOS, Rubens Aparecido. Black Lives Matter na mídia impressa brasileira: uma análise da cobertura do tema nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo, 2020. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/lista_area_DT1-JI.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.

SCHMITZ, Aldo Antonio. Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes empresariais nas relações com jornalistas de economia e negócios. 2010. **Dissertação** (Mestrado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94477>. Acesso em: 01 mai. 2021